

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS

MADSON DE OLIVEIRA

**LITERATURA DE CORDEL E LITTÉRATURE DE COLPORTAGE:
O QUE HÁ PARA COMPARAR?**

MACEIÓ
2021

MADSON DE OLIVEIRA

**LITERATURA DE CORDEL E LITTÉRATURE DE COLPORTAGE:
O QUE HÁ PARA COMPARAR?**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado para a obtenção de grau em
licenciatura em Letras na Universidade
Federal de Alagoas sob a orientação do
Prof. Ms. Yann Jean Christophe
Hamonic.

MACEIÓ

2021

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- O48l Oliveira, Madson de.
Literatura de cordel e *littérature de colportage* : o que há para comparar? / Madson de Oliveira. – 2021.
27 f. : il.
- Orientador: Yann Jean Christophe Hamonic.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Francês) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2021.
- Bibliografia. f. 27.
1. Literatura de cordel. 2. Literatura de *colportage*. 3. Brasil, Nordeste. 4. França. I. Título.

CDU: 398.51(812/813)(44)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
COORDENAÇÃO DE GRADUAÇÃO PRESENCIAL



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO

DO/AALUNO/A: MADSON DE OLIVEIRA

MATRÍCULA: 14111702

CURSO: () PORTUGUÊS () INGLÊS () ESPANHOL (X) FRANCÊS

TÍTULO DO TCC: LITERATURA DE CORDEL E LITTÉRATURE DE COLPORTAGE:
O QUE HÁ PARA COMPARAR?

Ao(s) 22 dia(s) do mês de setembro do ano de
2021, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Yann Jean Christophe Hamonic

1º Prof./a Examin./a: Rosária Costa Ribeiro

2º Prof./a Examin./a: Kall Lyws Barroso Sales

que julgou o trabalho (**X**) **APROVADO** () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 7,9 (sete inteiro e nove sobre dez)

1º Prof./a Examin./a: 8 (oito inteiro sobre dez)

2º Prof./a Examin./a: 7,5 (sete inteiro e cinco sobre dez)

totalizando, assim a média: 7,8 (sete inteiro e oito sobre dez),

e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 22 de setembro de 2021.

H. - - - /

Prof./a Orientador/a:

1º Prof./a Examin./a:

2º Prof./a Examin./a:

VISTO DA COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Marcio Alexandre Cruz
Matrícula SIAPE 2340117
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Alagoas

Campus A.C. Simões

Av. Lourival Melo Mota, s/n

Tabuleiro do Martins

CEP: 57072-900

Maceió – AL



DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que contribuíram direta ou indiretamente em minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, por sempre está ao meu lado me apoiando a seguir em busca de uma formação superior.

Agradeço à Rosária Costa, professora e orientadora que tanto me encorajou a não desistir e teve tamanha paciência com o meu ritmo de aprendizagem, me dando a oportunidade de alcançar novos patamares.

Agradeço ao meu professor e orientador Yann Hamonic por ter tido paciência, calma e dedicação no meu percurso até a finalização do meu curso.

Aos meus queridos professores de língua francesa Kall Sales e Marcio Cruz pela dedicação, prometendo a eles alcançar um bom nível na língua.

À minha colega, amiga e irmã Thatiane Karoliny que muitas foram as batalhas no meio acadêmico que eu venci por sua causa.

E por fim, mas não menos importante, a mim mesmo por não ter desistido.

RESUMO

O presente trabalho refere-se à redação final de conclusão do curso de Letras/Francês da Universidade Federal de Alagoas- UFAL e da Faculdade de Letras- FALE. Aborda questões em torno de similaridades entre a *littérature de colportage* da França e a literatura de cordel do Nordeste. A metodologia usada nele é de caráter qualitativo, partindo de uma fase inicial de pesquisa bibliográfica de cunho interpretativo, seguida de uma análise comparativa. Para tanto, alguns textos serviram de base para que fossem traçados aspectos semelhantes entre ambas, levando em consideração o contexto social dos cordelistas e escritores da colportagem, o período histórico em que elas se desenvolveram, além do conteúdo e estrutura dos dois tipos de literatura. Este trabalho não busca dar a literatura de *colportagem* francesa os créditos por inventar ou constituir a literatura de cordel, mas entrelaça elementos da primeira, que estão presentes na segunda, como a presença de Carlos Magno, rei francês que tanto fora representado nos romances da França do Antigo Regime e que na literatura de cordel ganha uma nova caracterização transpondo-se às interfaces do imaginário popular do Nordeste.

Palavras-chave: literatura de cordel. Literatura de *colportage*. Nordeste. França.

RÉSUMÉ

Le présent travail se réfère à l'essai final pour la conclusion du cours Lettres/Français à l'Université Fédérale d'Alagoas-UFAL et à la Faculté des Lettres-FALE. Il aborde les questions de similitudes entre la littérature de colportage en France et la littérature “cordel” dans le Nord-Est. La méthodologie utilisée est principalement qualitative, à partir d’une recherche bibliographique qui abouti sur une analyse comparative. Dans ce document, certains textes ont servi de base pour dessiner des aspects similaires entre eux, en tenant compte du contexte social des écrivains “cordelistas” et colportage, de la période historique au cours de laquelle ils ont été développés, en plus du contenu et de la structure des deux types de littérature. Celle-ci ne cherche pas à faire crédit à la littérature française du colportage d'avoir inventé ou constitué la littérature de “cordel”, mais entrelace des éléments de la première, qui sont présents dans la seconde, comme la présence de Charlemagne, le roi de France si représenté dans les romans français de l'Ancien Régime, et qui dans la littérature “cordel” acquiert une nouvelle caractérisation, se transposant aux interfaces de l'imaginaire populaire du Nord-Est.

Mots-clés : littérature de cordes. Littérature colportage. Nord-Est. La France

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	07
FIGURA 2	13
FIGURA 3	15
FIGURA 4	15
FIGURA 5	19
FIGURA 6	20
FIGURA 7	21
FIGURA 8	22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CORDEL E COLPORTAGE: uma antiga trama	10
2.1 O cordel em movimento: diálogos Brasil- França.	11
2.2 Literatura de cordel-origem e perspectivas educacionais	13
2.3 Cordel, cultura autóctone com elementos da <i>littérature de colportage</i>	16
2.4. A xilogravura na literatura de cordel - Apontamentos teóricos e dialogicidade.	21
2.5. Análise comparativa entre a <i>littérature de colportage</i> e a literatura de cordel.	23
3. CONCLUSÃO	26
4. REFERÊNCIAS	27

“Minha única regra é não me tornar comum”
Coup d'Etat, Kwon Ji-yong, 2013.

1. INTRODUÇÃO

Sendo uma manifestação literária do interior nordestino, a literatura de cordel é um gênero desenvolvido em versos com rima e métrica, tendo características da linguagem da população da região e mais especificamente, do local em que é produzido. Já a literatura de colportagem ou *littérature de colportage*, em francês, tem sua origem na França do Antigo Regime, com textos da tradição culta adaptados e publicados em pequenos folhetos.

Pautado em textos de NEMER (2018); CAVIGNAC (1997); NEVES (2018); LIMA E ABREU (2019); SOUZA (2013); AMORIM (2015) e ABREU (1993) explanamos quais elementos possam ser classificados como semelhantes entre o cordel e a *colportage*, levando em consideração aspectos históricos formadores de ambas produções literárias.

Adiantamos que aqui não foi trabalhada a teoria de que a literatura de cordel seja igual a literatura de livretos da Europa medieval, a *littérature de colportage* em específico. Esse é um embasamento teórico que já foi diversas vezes desconsiderado. Em nossa pesquisa, percorremos e analisamos aspectos similares entre os dois tipos de literatura.

Durante esta pesquisa, buscamos materiais que possam ser comparados entre os dois tipos de literatura, levando em consideração as culturas em questão e seus contextos históricos— e aqui, estamos considerando literatura de cordel não só como arte escrita e como objeto cultural e social— têm em si integrada a vivência de nordestinos que contribuíram para sua formação e estética.

Assim, como objetivos específicos, percorremos entre a literatura de cordel nordestina e a *littérature de colportage*; identificando quais elementos da colportagem estão presentes no cordel, buscando entender o contexto histórico em que ambas literaturas foram formadas.

Esses objetivos derivaram das seguintes perguntas, que orientaram nossas reflexões: qual a relação estrutural entre a literatura de cordel nordestina e a *littérature de colportage* francesa? E também, quais elementos da *littérature de colportage* estão presentes na literatura de cordel?

Dessa forma, este trabalho de conclusão de curso se justifica, sobretudo, pelo nosso interesse em aliar aquilo que faz parte de nossa formação cultural com os conteúdos abordados durante as aulas de Literatura em Língua Francesa.

Esta pesquisa contribui para que mais materiais de pesquisa em torno do tema cordel e *littérature de colportage* estejam disponíveis a futuros desenvolvimentos teóricos. Nossa função com esse trabalho, além de um auto esclarecimento sobre o tema, é entregar fontes de consultas e referências.

Este trabalho também contribuirá para a área de pesquisa do curso, levando em consideração, que assim como toda investigação científica realizada na área e que abraça o curso de Letras, esta trará novos horizontes, principalmente ao curso de Letras/Francês, que em casos, limita-se às literaturas pertencentes à tradição escrita.

Esta pesquisa contribuirá para a sociedade trazendo um estudo sobre origem, já que sabemos que muitos dos costumes, tradições, culturas, artes e até comportamentos da sociedade brasileira são oriundos, além dos povos que aqui já existiam e que vieram para o Brasil pré ou pós colonização, de civilizações colonizadoras. Percebemos que as produções literárias receberam aspectos de países europeus, entre eles, da sociedade francesa, que influenciou também na literatura nacional.

Por fim, no que diz respeito à nossa metodologia de trabalho, resgatamos as palavras de Godoy, que diz que “*Considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.*” (1995, p.23). A partir desse conceito, desenvolvemos este trabalho baseado no levantamento bibliográfico, no qual buscamos diversas referências nas pesquisas sobre cordel e *colportage*. Em um segundo momento, propusemos uma análise comparativa desses dois tipos de literatura, enxergando esses dois fenômenos literários também como fenômenos sociais.

Destarte, este trabalho divide-se em partes principais, seguindo as fases de nossa metodologia: inicialmente, apresentamos uma discussão sobre o levantamento bibliográfico realizado, para, em seguida, traçarmos uma proposta de análise comparativa entre esses dois tipos de literatura.

2.CORDEL E COLPORTAGE: uma antiga trama

Os principais textos que nos guiaram na fase voltada para a pesquisa bibliográfica foram *O cordel em movimento: diálogos Brasil-França* de Sylvia Nemer, *Literatura de cordel-*

Origem e perspectivas educacionais do pesquisador Francisco Paiva das Neves, *A literatura de Cordel no Nordeste do Brasil. Da história escrita ao relato oral* de Julie Cavignac. E, por fim, *A xilogravura na literatura de cordel- apontamentos teóricos visando a dialogicidade* da autora Mariana dos Santos Amorim. Desses textos também trouxemos algumas das figuras que usamos para ilustrar esta a pesquisa, bem como toda base teórica para esta proposta de análise.

2.1 O cordel em movimento: diálogos Brasil- França.

Em *O cordel em movimento: diálogos Brasil- França*, Sylvia Nemer apresenta uma reflexão sobre a literatura de cordel em relação ao quadro da história das ideias, além de discutir processos de troca de conhecimento e saberes de pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Nemer (2018) começa a discutir questões que rodeiam a origem ou as origens desse tipo de literatura, com base em textos de outros autores. Na sua perspectiva, a partir dos textos usados por ela, a autora levanta questões que cercam a proximidade da literatura de cordel e as produções populares européias.



Figura 1 – gravura de 1850/autor não identificado/reprodução
FONTE: Revista Continente¹

Segundo o seu trabalho, a literatura de cordel brasileira faria parte de uma tradição oral de romances e desafios verbais transmitidos boca a boca nos quatrocentos anos iniciais de formação e consolidação do universo cultural/histórico do sertão nordestino, o que viria a deferir da produção européia de folhetos, por exemplo, que seriam narrativas recortadas de textos previamente editados em livros publicados.

¹ Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/215/cordel--patrimonio-cultural-do-brasil>> Acesso em: 15 jul. 2021.

Outra diferença apresentada pela autora é em relação a origem dos autores. Os escritores europeus pertenciam ao meio erudito e os seus leitores às camadas populares. No cordel brasileiro, escritores, leitores e os ouvintes das histórias pertenciam às camadas sociais da pobreza do sertão nordestino. Por tanto, de acordo com Nemer, a única similaridade estaria na fórmula editorial.

Na França, a literatura de folheto teria sido exterminada pela censura e suas medidas que vieram a dificultar a circulação desses folhetos em meados do século XIX. Por outro lado, no Brasil, nos folhetos, existia um caráter religioso e conservador pautado por apelos proféticos fundados nas figuras de *Padre Cícero*² e *Frei Damião*³, porém, acima de tudo, o poeta popular era um comerciante e tentaria traduzir em suas histórias os anseios de seu público, segundo Nemer.

Os diálogos culturais entre o Brasil e a França são historicamente estreitos, em particular, no campo das culturas populares em relação ao qual merece destaque a atenção reservada à literatura de cordel brasileira que, desde meados do século passado, vem envolvendo número considerável de pesquisadores franceses, dedicados à compreensão deste patrimônio que no Brasil preserva a sua dimensão viva e ativa (NEMER, 2018, p. 5).

Em *diálogos entre Brasil e França*, a autora apresenta grandes contribuições de pesquisadores franceses para o estudo da literatura de folheto no Brasil, entre eles estão Raymond Cantel e Robert Mondrou, que ajudaram a pensar sobre as abordagens de um lado morfológicas e fisiológicas e de outro, nos conceitos da História Social dominantes nos estudos sobre a cultura popular realizados na segunda metade do século XX.

A autora acrescenta que a modernidade era inserida no universo da tradição e com avanços técnicos, como a impressora, por exemplo, os autores puderam distribuir seus folhetos para regiões distantes da sua área de atuação direta. Eles também começaram a usar fatos reais em suas produções, seguindo uma vertente do jornalismo. Usavam outros temas recorrentes como o cangaço e outros que oscilavam entre a população e o imaginário.

O texto de Sylvia Nemer mostrou-se de extrema importância, ora por abrir um leque de teorizações a respeito das diferenças entre as produções literárias abordadas neste trabalho,

² Padre Cícero foi uma importante figura religiosa que atuou no vale do Cariri, no sul do estado do Ceará. Ele viu sua vida religiosa se transformar quando, supostamente, presenciou um milagre na realização da Eucaristia em Juazeiro. Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/s/m.brasilescola.uol.com.br/amp/historiab/padre-cicero.htm>> Acesso em: 15 Jul. 2021.

³ Frei Damião (1898-1997) foi um religioso católico italiano. Durante 66 anos peregrinou por diversas cidades do Nordeste Brasileiro levando a evangelização. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/frei_damiao/> Acesso em: 15 Jul. 2021.

salientando sobre questões da literatura de cordel nordestina, sua caracterização e amplitude cultural e histórica.

2.2 Literatura de cordel-origem e perspectivas educacionais

Com uma análise focada no ensino-aprendizagem, Francisco Paiva das Neves em *Literatura de cordel-origem e perspectivas educacionais* de 2018, trata da utilização do cordel em uma perspectiva de ensino e aprendizagem no ensino fundamental, além de discorrer sobre sua origem e evolução.

Segundo Neves (2018), o cordel impresso em folhetos, inicialmente produzidos e vendidos pelos próprios poetas e depois por casas editoriais, existiram em quase todo o mundo em épocas diferentes e chegou ao Brasil durante a colonização. Este tipo de literatura está relacionado ao hábito de contar histórias que com o passar do tempo, começaram a ser escritas e posteriormente, difundidas pela imprensa.



Figura 2 – Manoel D'Almeida Filho 1950

FONTE: Jornal do Dia⁴

⁴ Disponível em: <https://www.jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=13411> Acesso em 21 Jul. 2021.

Sobre a relação do cordel com a literatura popular ou folhetos, o autor levanta algumas teorias. De acordo com ele, essa relação está na transposição de personagens fictícios ou reais da Europa medieval para o nordeste. Exemplificando, Neves cita *Carlos Magno*⁵, um imperador que liderou a luta contra os mouros e dois de seus pares, *Roland* e *Oliver*, que no Brasil passaram a ser conhecidos como Roldão e Oliveiras.

Tal como os dois personagens citados, Carlos Magno, o imperador francês que liderou a luta contra os mouros, é também muito presente, ainda hoje, no cordel brasileiro. Dois de seus pares mais famosos são Roland, como ficou conhecido na França e que em Portugal e Brasil passou a ser conhecido como Roldão, e Oliver, que no Brasil passou a ser chamado de Oliveiros.(NEVES, 2018, p. 18).

E ainda em:

As histórias em torno de Carlos Magno, a propósito, marcam um dos ciclos do cordel, vindo a ratificar o elo histórico entre a Europa e Brasil na origem do nosso cordel. Sobre esse tema, Leandro Gomes de Barros escreveu A batalha de Oliveiros com Ferrabras e A prisão de Oliveiros. Esses folhetos de cordel constituem dois dos maiores clássicos do gênero no Brasil (NEVES, 2018, p. 18).

Já do ponto de vista da técnica de impressão , inicialmente, a *littérature de colportage* na França era composta por folhas soltas e é em 1450 que *Johannes Guttemberg*⁶ inventa a prensa móvel onde muitos desses livretos passaram a serem feitos com sobras das fábricas locais de impressão. Nesse mesmo período em *Troyes* (próximo à Paris), foram feitas 1500 publicações entre folhetos e almanaques. Foi nessa época que essa literatura ficou conhecida como *Bibliothèque bleue*⁷, pois a capa dos folhetos era na cor azul.

⁵ Carlos Magno foi um importante imperador e conquistador medieval da Dinastia Carolíngia. Grande defensor dos dogmas católicos, foi coroado Imperador do Sacro Império Romano Germânico, em 800, pelo Papa leão III, após tornar-se Rei dos Francos (768 a 814) e dos Lombardos (a partir de 774), constituindo assim, o grande Império Carolíngio, que recebeu esse nome em sua homenagem. Disponível em:<<https://www.google.com/amp/s/www.todamateria.com.br/quem-foi-carlos-magno/amp/>> Acesso em 27 Set. 2021.

⁶ Johannes Gutenberg (1396-1468) foi um inventor alemão, o primeiro a usar a prensa e os tipos móveis de metal, inventos que revolucionaram a técnica de impressão. Disponível em:<https://www.ebiografia.com/johannes_gutenberg/> Acesso em: 27 Set. 2021.

⁷ Surgiu na França por volta de 1602.

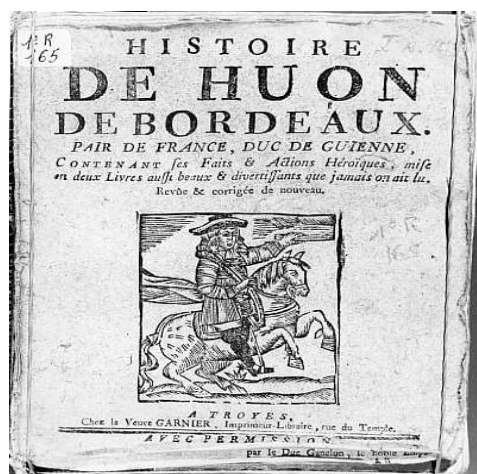


Figura 3 – Huon de Bordeaux, Troyes, Anne Hussard, 1720.

FONTE: MEISTERDRUCKE⁸



Figura 4 – Capa do *colportage*: Pierre de Provence Et La Belle Maguelone.

FONTE: Everaldo Ramos⁹

⁸ Disponível em: <<https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/French-School/424790/Hist%C3%B3ria-de-Huon-de-Bordeaux,-par-da-Fran%C3%A7a-e-duque-de-Guyenne,-Biblioteca-Azul,-Troyes.html>> Acesso em 27 Set. 2021.

⁹ Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/42184499@N06/>> Acesso em 30 Jul. 2021.

Ainda de acordo com Neves (2018), o que podemos dizer é que o cordel brasileiro, enquanto produto histórico, sofreu diversas influências da prática milenar de contar histórias até chegar ao gênero literário cordel.

Os elementos culturais, ao se fundirem, se transformam: esses elementos externos ao se integrarem a cultura local, e esta ao adaptá-los à maneira tradicional, seja por narrativas ou ritos recompõe o arcabouço cultural reafirmando e atualizando o processo gerador, dando provas de sua vitalidade. Pode-se inferir, dessa forma, que o cordel brasileiro, literatura que no passado era unicamente oral ou impressa em folhetos e hoje se adapta às mais variadas formas de suporte textual, como livro, virtual e outros é resultado da prática milenar de narrar e ouvir histórias, ressaltando também que além de divertir e informar, a partir do momento que passa a ser impresso, a literatura popular foi um eficaz instrumento de letramento e alfabetização das populações a que eram negadas o espaço educacional formal. (NEVES, 2018, p.28-28).

Os folhetos medievais nem sempre eram escritos em versos e traziam também peças de teatro, anedotas, partituras e até mesmo receitas culinárias. Apenas em território brasileiro, no Nordeste, que a literatura de folhetos é escrita exclusivamente em versos, sendo este em redondilha maior, rima soante, em estrofes de seis, sete ou dez linhas. O termo cordel é proveniente de Portugal pelo fato de os folhetos serem expostos ao público em cordões ou cordéis. Já na França, era denominado de *littérature de colportage* que vem de *colporteur* que significa vendedor de rua, onde os vendedores levavam os folhetos e possivelmente outras mercadorias, em caixotes pendurados por alças.

Assim, a obra de Neves (2018), de modo geral, é rica sobre as influências da literatura popular de folhetos da Europa, mais especificamente, da França, na literatura de cordel, além de explicitar um processo histórico, escultura e estrutural na formação desse tipo de literatura. O texto apresenta outras questões mais ligadas ao processo de ensino-aprendizagem, que por sua vez não cabe nesta pesquisa, mas contribuíram com a nossa leitura e nos deram novas perspectivas enquanto profissionais da educação.

2.3 Cordel, cultura autóctone com elementos da *littérature de colportage*

Em seu livro de 1997, traduzido por Nelson Patriota e publicado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2006, Julie Cavnagac resgata a cultura do sertão nordestino

apoiando-se em relatos orais, folhetos de cordel, pesquisas antropológicas, observações e comparações. Transpassando aspectos da tradição desse tipo de literatura, a autora organiza de forma pedagógica – e com bastante louvor – dados numerosos que foram coletados através de entrevistas, análises de diversos folhetos e pesquisas já realizadas acerca da literatura cordelista.

Na parte introdutória de sua pesquisa, Julie evidencia que seu trabalho foi originado diante da necessidade de explicar o interesse das pessoas interioranas do nordeste brasileiro pelo relato escrito, quando grande maioria não domina a escrita e nem a leitura, isso na época que desenvolveu sua pesquisa, talvez, hoje ainda. É então, que para compreender a perspectiva da tradição oral que permeia a literatura de cordel, a autora procura incansavelmente traços característicos e configuradores da população do interior nordestino brasileiro, fugindo ao máximo do estereótipo do sertanejo selvagem, tão enfatizado nas produções acadêmicas e pesquisas produzidas desde a década de 1970. Julie, também se atenta para a relação entre a escrita e a oralidade, a ligação mútua de ambas com o poder, o status social, o mito e o sagrado.

No caso da literatura de folhetos, existe uma valorização maior quando o analfabetismo está presente em quem detém a história– intrigante e triste–, pois o mesmo, a guarda em sua memória.

De fato, o livro parece adquirir um certo valor quando, por exemplo, o detentor da história escrita é analfabeto ou quando, uma vez desaparecido, o objeto escrito está associado a uma lembrança, como “o grande livro de Carlos Magno” de Seu Chico Nogueira (Caiana) ou as cartilhas de a-bê-cê que permitiram uma aprendizagem solitária e difícil da leitura. (CAVIGNAC, 1997, p. 17).

É neste ponto que a autora busca compreender como se deu o aprendizado das narrativas presentes na literatura de cordel, apontando o mesmo para a recitação do folheto por alguém alfabetizado e memorização por alguém não dominante da palavra escrita e lida. Dado isso, a versão impressa já não é tão importante e pode ser descartada ou trocada por outra. Assim, “Mesmo que se trate de uma literatura escrita, a transmissão do cordel é essencialmente oral: analfabetos compram regularmente folhetos e pedem a um vizinho ou a um amigo que os leiam. (CAVIGNAC, 1997, p. 53).

A partir dessa explanação de Cavignac (1997), percebemos que o fator analfabetismo também era presente na França do século XVI à França do século XIX, onde a população, em sua maioria, não teria recebido o mínimo de escolaridade e a posse de qualquer livro que fosse,

representava motivo de grande orgulho, por mais que o detentor de tais livros só viesse a conhecer o conteúdo do mesmo através da leitura feita por um outro alguém.

Não obstante, se existem poucos livros numa sociedade em que a grande parte da população praticamente não recebeu escolaridade, saber ler ou possuir um livro é um motivo de orgulho. Era esse o caso, na França, ao longo de todo o século XVI e até o século XIX, quando os analfabetos compravam livretos da *Bibliothèque bleue* que eram lidos ocasionalmente por terceiros [...] (BOLLÈME, 1986 *apud* CAVIGNAC, 1997, p. 20).

Podemos entender essa ligação da língua escrita com status social em ambos os tipos de literatura, tanto o cordel como a colportage, levando em consideração que desde muito tempo ao decorrer da história da humanidade, a mesma ser relacionada ao prestígio, ao poder e ao conhecimento, traçando um paralelo em relação ao ser humano.

Segundo Lima (BOURDIEU, 1996, *apud* LIMA; ABREU, 2019 p. 3): “*Bourdieu acreditava que a língua exercia poderes dentro da sociedade ensejando em segregações de cunho lingüístico e também social. Essas segregações advêm do modo como a língua é conduzida por alguns setores da sociedade.*”

Cavignac (1997) também discorre sobre a formação territorial, étnica, social e cultural no sertão do Nordeste desde o processo colonial. A autora inclusive, ressalta a importância do livro *Travels in Brazil* do inglês Henry Koster, onde o mesmo, através de sua literatura de viagem, conta sua travessia pelo sertão do Nordeste em 1810 e descreve costumes, características, cultura e tradições dos sertanejos da época.

Podemos encontrar relatos da autora, através de suas pesquisas acerca da proveniência da literatura cordelista e suas categorias, onde Julie indica que o mesmo foi originado no século XVII em Portugal, chegando ao formato mais familiar no fim do século XIX.

Sobre isso, vale destacar que a ideia de origem é um tanto quanto problemática, já que diversos pensadores atribuem a fundação do Cordel à literatura lusitana, e outros o defendem como literatura autóctone. Em ambas as linhas de raciocínio, o que vale salientar é que, independentemente de onde tenha partido a literatura de folhetos, devemos ter em mente que que esta teve seu próprio processo de desenvolvimento, sua própria forma de representar o cotidiano, a tradição de seu povo e sua época (LIMA; ABREU, 1993, p. 7).

Cavignac demonstra que muitas das aparições de personagens da literatura europeia erudita em versos dos poetas nordestinos se dão pela referência feita pelos cordelista em seus folhetos e que essa prática perdura até os dias atuais, faz exemplo com novelas, filmes e até contos de fadas. Exemplificando, com o livro de Carlos Magno.

[...]o “Livro de Carlos Magno”, que circulava na península ibérica desde o século XVII, inspirou vários poetas de cordel ao longo das primeiras décadas do século XX (Abreu, 1985; Cascudo, 1953; Ferreira, 1979; Literatura popular em verso, 1973: 9; Terra, 1983: 68). Hoje, é possível recolher não a verdadeira história de Carlos Magno, mas sim uma multidão de relatos compostos sobre seu modelo. Do mesmo modo, pode-se constatar a presença de outras “fontes escritas” que serviram de inspiração aos cantadores, aos poetas de cordel e aos contadores (livros didáticos e enciclopédias, compilações de contos e de romances, a Bíblia, catecismos, jornais e almanaques). (CAVIGNAC, 1997, p. 198).

Segundo Souza(2013), ao referenciar Lima e Abreu(1999), a presença de Carlos Magno em cordéis nordestinos é associada à importação de diversos folhetos portugueses entre 1769 à 1826 ao Brasil, onde em sua maioria, narravam as conquistas do rei francês e seus 12 pares.

Entre essas produções de Portugal, está *História do Imperador Carlos Magno*, que data de 1864 e que é visto por muitos pesquisadores como matriz inspiradora para os folhetos de Leandro Gomes de Barros¹⁰, cordelista que escreveu *A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*.

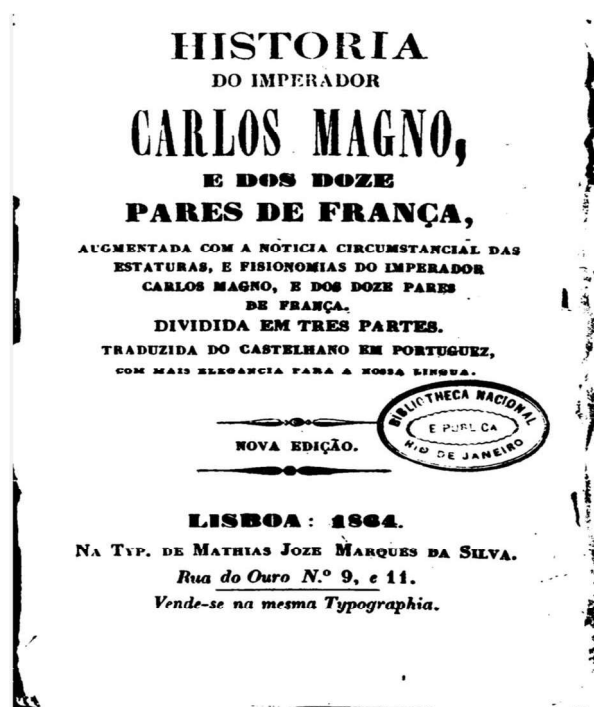


Figura 5 – Capa Da Obra *História do Imperador Carlos Magno*, 1864.
FONTE: Caminhos do Romance/UNICAMP¹¹

¹⁰ Leandro Gomes de Barros nasceu em Pombal, na Paraíba, em 19 de novembro de 1865 e faleceu no Recife, em 4 de março de 1918. Ele foi um poeta de literatura de cordel brasileiro. No dia de seu nascimento, é comemorado o Dia do Cordelista, em sua homenagem.

¹¹ Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0045/index.htm>> Acesso em: 10 Ago. 2021.

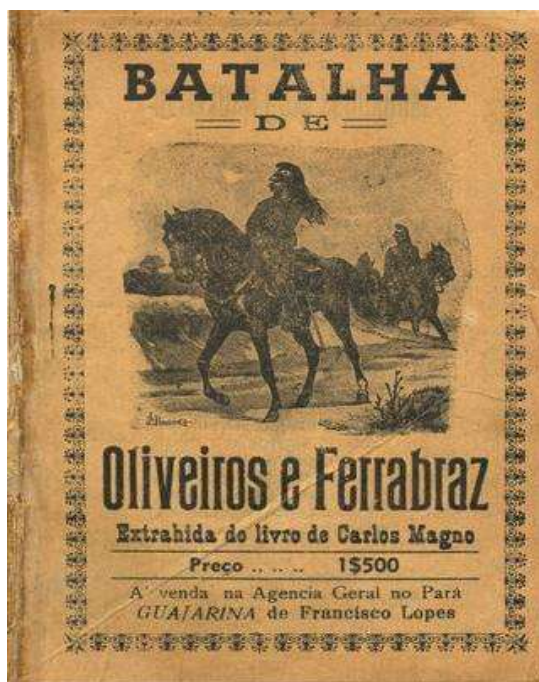


Figura 6 – Capa da obra *A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, versão de 1936.
 FONTE: ISSUU¹²

Em *A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, Leandro Gomes de Barros dá um caráter religioso ao narrar a conversão do guerreiro mouro ao cristianismo. O mesmo também referencia contos bíblicos com a trama de sua obra. Nela, Carlos Magno seria Jesus, a batalha de Oliveiros e Ferrabraz representaria a luta de Davi e Golias, além de todo discurso de cunho católico de Oliveiros (SOUZA, 2013, p. 78).

Vemos isso em:

*Eram doze cavalleiros
 Homens muito valorosos,
 Destemidos, animosos,
 Entre todos os guerreiros,
 Como bem fosse Oliveiros
 Um dos pares de fiança
 Que sua perseverança
 Venceu todos infíes,
 Foram doze leões crués
 Os doze Pares de França. (BARROS, 1909, p. 1).*

¹² Disponível em: <<https://issuu.com/atilaalmeida.bc/docs/aa0626>> Acesso em 27 Set. 2021.

As façanhas do rei francês também podem ser vistas na *littérature de colportage*, como no romance de cavalaria *Les Conquêtes de Charlemagne*.

2.4. A xilogravura na literatura de cordel - Apontamentos teóricos e dialogicidade.

A pesquisa de Mariana dos Santos Amorim *A xilogravura na literatura de cordel- Apontamentos teóricos visando a dialogicidade*, fala sobre o quanto é comum associar a literatura de cordel com a ilustração em sua capa. Porém, de início os folhetos continham apenas a indicação da autoria, o título e outros ornamentos tipográficos, o endereço do autor, que na maioria das vezes era o próprio vendedor, vinham na capa.



Figura 7– Capa da obra *A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, versão de 1913..
FONTE: DOCERO¹³

¹³ Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/e8xcs0e>>. Acesso em: 27 Set. 2021.

Segundo a autora, inicialmente a xilogravura era usada em produtos considerados “menos nobres”, como rótulos de bebidas, almanaques etc. A partir da década de 1950 é que ela veio a ser usada na capa do cordel.

Para que o cordel chamasse mais a atenção dos leitores, passaram a ser ilustrados com xilogravuras nas capas de seus folhetos, por ser uma alternativa barata para os “poetas pobres” da época, na região, salienta a autora.

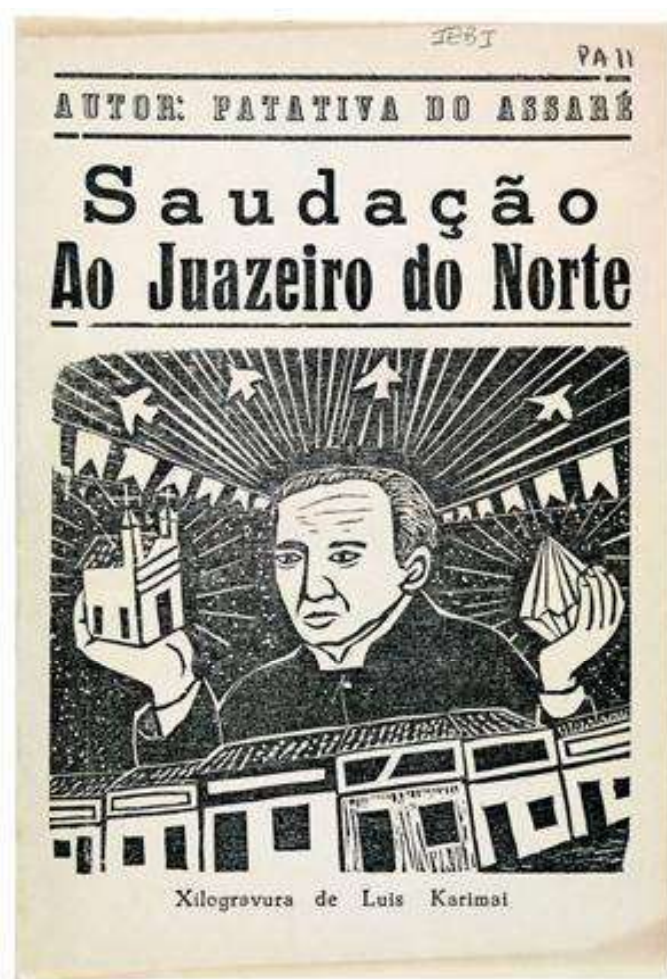


Figura 8— Saudação Ao Juazeiro do Norte. Patativa do Assaré.
FONTE: USP¹⁴

De acordo com Mariana, diferente do folheto que lhe deu origem, o cordel passou a fazer uso da xilogravura para que o público não alfabetizado pudesse ter acesso a mensagem que ele continha.

¹⁴ Disponível em: <<https://www5.usp.br/noticias/cultura/literatura-de-cordel-ganha-espaco-e-reconhecimento-no-arquivo-do-ieb/>>. Acesso em: 27 Set. 2021.

O conteúdo de sua pesquisa se fez essencial para nosso trabalho, pois, em torno do tema deste, existiam questões referentes à tipografia presente na literatura de cordel, a xilogravura, e o que a distingue do folheto que a originou. Estas questões foram esclarecidas devido aos embasamentos teóricos apresentados pela autora. Desde a uma alternativa de *marketing* a um aparato estilístico, percebe-se que este tipo de ilustração possibilitou uma caracterização maior da literatura de cordel, além de, é claro, evoluir com a mesma.

2.5. Análise comparativa entre a *littérature de colportage* e a literatura de cordel.

Neste último ponto de nosso trabalho, trazemos uma proposta de comparação entre essas duas formas de literatura. Os pontos escolhidos para comparação foram: modos de existência, público-alvo e relação entre artefato literário e a sociedade que o produz.

Em relação ao modo de existência, os folhetos da *littérature de colportage* eram fabricados com clichês de madeira e outros materiais usados nas fábricas locais de Troyes, assemelhando-se nesse aspecto ao cordel que fazia uso de um material barato e sem muita qualidade. A tipografia também é semelhante nas duas formas de produção, no cordel a técnica consistia em entalhar a madeira e molhar em tinta, reproduzindo o desenho que seria impresso no papel. No *colportage*, em sua maioria, as capas dos livretos eram azuis com ilustrações que usavam a técnica já mencionada aqui, a xilogravura, que por sua vez, eram madeiras talhadas recicladas de fábricas de impressão da época.

A proporção dos livretos de *colportage* era relativamente pequena, com dez centímetros de largura e vinte de altura, o que levava a não menção do autor, data e local de publicação em muitos folhetos para assim, economizar-se espaço diante ao *layout* apertado. Diferindo-se do cordel, onde a proporção variava entre onze por quinze e treze por dezoito e na capa da maioria dos cordéis, estavam presentes o nome do autor, o endereço, data de publicação, além de algumas informações adicionais, isso pelo fato do escritor também ser o vendedor, na maioria dos casos.

Quanto ao conteúdo, a *littérature de colportage* possuía textos recortados de livros já publicados, onde abrangiam da poesia à sátira, da história de santos à novelas e de contos de fadas à receitas culinárias, em que nem sempre eram escritos com versos, o que se torna um aspecto divergente com a literatura de cordel que era e é, escrita exclusivamente em versos, variando entre redondilha maior à estrofes de dez versos e sete sílabas em que eram abordados temas como lendas, fatos históricos, acontecimentos do cotidiano da população local, temas religiosos, notícias e até histórias baseadas em grandes romances.

A forma em que os livretos de ambos os tipos de literatura eram vendidos é um fator de semelhança e que de certa forma, deu origem ao nome destas. Os livretos da *littérature de colportage* eram vendidos por “*colporteurs*,” que de forma não literal significa mascates, ou vendedores de rua, onde o tal tipo de folheto era comercializado. Também era através da vendagem de rua que os cordéis chegavam ao seu público, em feiras populares e mercados, pendurados por cordões(*cordéis*).

Direcionando agora ao público alvo, temos mais uma semelhança entre os dois tipos de literatura. Os leitores da *littérature de colportage* viam de camadas populares da sociedade francesa da época, mesmo que os escritores viessem do meio erudito. O público consumidor da literatura de cordel era formado, em sua maioria, pelas pessoas mais pobres da população local, ou seja, o interior nordestino. Desse recorte social do Nordeste também vinham, além dos artistas da xilogravura, os vendedores, que como já dito neste trabalho inúmeras vezes, também eram os escritores de seus folhetos e eram tidos como poetas populares.

Por vezes o cordel foi fonte de informação para a população local do interior nordestino da época. Como dito aqui, a maior parte das pessoas que consumiam o cordel eram analfabetas e por isso, muitos dos cordéis eram lidos em grupo, onde alguém verbalizava os versos do folheto e aqueles que não sabiam ler, apenas decoravam.

As notícias eram retiradas de uma fonte, muitas vezes, o próprio jornal impresso com as reportagens, e reconfiguradas no formato de cordel nos livretos.

Os nordestinos da época preferiam ter acesso às notícias pelo cordel de circunstância ou cordel noticioso, como é chamado o tipo de cordel jornalístico, do que pelo próprio jornal. Porém, vale salientar que este, por sua vez, desempenha um papel de difusor comunicacional, tomando em pauta o perfil de escolaridade em que esses folhetos circulavam, e não de texto jornalístico propriamente dito.

Os temas noticiados variavam de escândalos na política ou na sociedade, crimes de grande repercussão, desastres ambientais, acidentes etc, o mesmo acontecia com a *littérature de colportage* na França medieval, onde os livretos eram usados para informar aos franceses da Idade Média.

Ao analisar este aspecto comum entre os dois tipos de literatura, percebemos que o texto histórico, nesse contexto histórico, foi capaz de produzir artefatos literários em ambas sociedades, tanto na francesa da Idade Média, como na nordestina do século XIX.

Como teoriza White (1994), a história e literatura criam uma relação, pois ambas demonstram mais interesse na realidade do que na possibilidade.

De modo semelhante, pode-se comparar a “história” à “literatura” em razão do seu interesse mais no “real” que no “possível”, o que é supostamente o objeto de representação das obras “literárias”. Desta forma, numa longa e ilustre tradição crítica que tentou determinar o que é “real” e o que é “imaginado” no romance, a história serviu como um tipo de arquétipo do pólo “realista” de representação. (WHITE, 1994, p. 105).

Segundo o discurso de White, não se pode existir uma verdade absoluta dos fatos na história, sendo o historiador passível de julgamentos pelo motivo de existirem várias versões do mesmo evento, contado e repassado de diversas maneiras, construindo sentidos diferentes.

O leitor, no processo de acompanhar o relato desses eventos pelo historiador, chega pouco a pouco a compreender que a estória que está lendo é de um tipo, e não de outro: romance, tragédia, comédia, sátira, epopéia ou o que quer que seja. E, depois de perceber a classe ou tipo a que pertence a estória que está lendo, ele experimenta o efeito de ter os eventos da estória explicados para ele. A essa altura, ele não apenas *acompanhou* com êxito a estória; ele captou o seu ponto principal, *entendeu-a*. A estranheza, mistério ou exotismo original dos eventos se dispersa e eles assumem um aspecto familiar, não em seus detalhes, mas em suas funções de elementos de um tipo familiar de configuração. (WHITE, 1994, p. 103).

Este é o caso das literaturas aqui trabalhadas. Elas criaram versões de uma mesma história a partir de um único relato, seja no cordel e *colportage* de cunho jornalístico, ou na forma que recortes de outras obras foram integradas ao conteúdo de ambas. As duas sociedades foram capazes de produzir artefatos literários a partir do contexto histórico em que viveram e desenvolveram sua própria literatura.

3. CONCLUSÃO

Ao decorrer dessa pesquisa, através das leituras dos textos que deram embasamento à mesma, percebi que ainda existe muito a se falar sobre a relação entre a literatura do Nordeste e a europeia. E que essa, é uma discussão polêmica, principalmente levando os embates teóricos entre tantos pesquisadores.

Percebi também, que existe uma escassez de pesquisas acerca dos traços de similaridade entre a *Littérature de colportage* e a literatura de Cordel.

O que não se pode negar é que o cordel foi configurado pela cultura e tradição interiorana do Nordeste. Que as pessoas dessa região estruturaram sua literatura à maneira que produziam seus textos. Mas, também é de caráter duvidoso negar que a mesma não tenha sofrido influência da literatura lusitana, mesmo que de forma mínima.

Por mais que exista uma diferença entre os dois tipos de literatura quanto ao conteúdo, forma e período histórico, é possível encontrar particularidades que fazem que ambas venham a criar uma certa semelhança. Particularidades essas que foram descritas neste trabalho.

Concluimos enfatizando que não é de fácil acesso estudos mais aprofundados acerca da relação, similaridades ou diferenças do objeto de estudo aqui apresentado por nós, os folhetos de ambas literaturas, mas esperamos que possamos contribuir para esta área de pesquisa com nosso trabalho, abrindo assim, mais possibilidades teóricas a futuros pesquisadores.

4. REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia de. **Cordel português / folhetos nordestinos: confrontos um estudo histórico-comparativo**. 360f. TCC-UNICAMP, Campinas, 1993.

AMORIM, Maria Alice. **Cordel, patrimônio cultural do brasil**. Revista Continente, Pernambuco, v. 248, novembro, 2018. Disponível em:<<https://revistacontinente.com.br/edicoes/215/cordel--patrimonio-cultural-do-brasil>> Acesso em: 25 jul. 2021.

AMORIM, Mariana dos Santos. **A xilogravura na literatura de cordel - Apontamentos teóricos visando dialogicidade**. UnB, Brasília, 2015.

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de Cordel no Nordeste do Brasil. Da história escrita ao relato oral**. Natal: Editora da UFRN, 2006 [1997].

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, Maio/Jun., 1995.

Jornal do Dia. **Manoel D'Almeida Filho: 100 anos do maior cordelista de Sergipe**. Novembro, 2014, Aracaju. Disponível em:<https://www.jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=13411> Acesso em: 21 ago. 2021.

LIMA, Marcos Felipe de Jesus; ABREU, Ricardo Nascimento. **A relação entre língua e poder na obra de Pierre Bourdieu**. 15f. TCC- UNIT, Sergipe, 2019.

MEMÓRIAS DO CORDEL. **Cordéis do Mundo #2 - Colportage**. Disponível em: <<http://memoriasdocordel.blogspot.com/2013/09/cordeis-do-mundo-2-colportage.html>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

NEMER, Sylvia. **O cordel em movimento: diálogos Brasil-França**. Anais do encontro internacional e XVIII encontro de história da Anpuh-Rio: História e Parceria, 2018.

NEVES, Francisco Paiva das. **Literatura de cordel-origem e perspectivas educacionais**. 90f. TCC-UFC, Fortaleza, 2018.

SOUSA, Willian Lima de. **O nomadismo de carlos magno nas vozes do cordel**. João Pessoa, 2013. UFPB/BC. 103f. : il.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EdUSP, 1994.